



PARA ALÉM DAS LIVES

entrevista Marcos Catarina

Olá Ouvinte, este é o décimo episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Marcos Catarina é o nosso convidado de hoje: cantor, compositor, violonista, Marcos tem uma longa trajetória que já conta com 3 CDs autorais: Entre Canções, Leve e Marcos Catarina 10 anos. Ele acaba de lançar o single Samba da Lua Amor, que já está circulando pelas plataformas de streaming. Além da carreira autoral, Marcos está à frente do projeto Românticos São Loucos, bloco de carnaval que homenageia seu falecido irmão Vander Lee. Ele nos falou sobre como buscou formas alternativas de apoio para realização de shows online durante a pandemia, formas que podem ser acionadas também no presencial. Além disso, nos contou sobre a ampliação de redes de contato que o meio virtual propiciou nesse período. Conversamos ainda sobre a necessidade de políticas culturais bem elaboradas e eficientes para apoiar os músicos e outros profissionais da cultura, principalmente em períodos de crise.

PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia

Frederico: Ô Marcão, mas é isso mesmo. A ideia inicial era assim. Eu sei que você já tinha um movimento, você tava num movimento - você pode falar um pouco dele também. Você tava com um monte de coisas que estavam super fluindo: uma série de festivais, tocando em uma série de lugares. Estava rolando uma produção de coisas também, de lançar CD, lançar vídeos. Você já tava num caminho que você já vinha lançando mão de uma estrutura, imagino eu - aí você pode me dizer - para divulgar o seu trabalho, né? Boa parte dessa estrutura tecnológica era para divulgar, ter o vídeo para acessar, ter o Instagram, ter os acessos ali.

E aí veio a pandemia. Então você teve que mudar esse funcionamento, porque, realmente, várias frentes, eu sei que se fecharam. Todas essas que eram presenciais. Você pode me contar um pouqui-

nho disso. Como é que foi esse baque? Você tava numa estrutura de funcionamento. Fala um pouquinho dela. E o que mudou quando veio a pandemia “na sua cabeça”.

Marcos: Pois é. No meu trabalho, eu já venho fazendo uso das redes, trabalho independente, já vem de uma década, fazendo financiamento coletivo... Então esse uso, dessa aproximação com o público, no meu caso, da canção, através dessas tecnologias de compartilhamento, de aproximação, a gente faz muito uso. Eu fiz três crowdfunding, todos antes da pandemia. Fiz um em 2014, no meu primeiro disco; depois eu fiz outro em 2017, do CD Leve; e fiz um outro, pro DVD 10 Anos de fonografia em 2020... Em 2019, no final, e terminou em 2020. Logo quando terminou essa campanha, veio a pandemia. Então, curiosamente, eu vinha já vinha nesse caminho.

E, no princípio, eu fiquei achando realmente que a gente ia viver uma quarentena. Então eu achei aquilo até bom, porque eu vinha num fluxo tão grande de produção de conteúdo, de produzir uma meia dúzia de cliques. Tinha produzido... Eu tava vindo com o bloco de carnaval, criando também conteúdo para esse bloco; tinha o baile, criando conteúdo para o baile também. E tava tendo muita demanda de shows presenciais. Então eu tava até um pouco meio fora da rede no momento em que houve o decreto.

Eu achei que fosse realmente um período. Falei: “Ah não, teve o carnaval e tudo. Agora, esse é o preço. A gente... teve muita aglomeração”. Então eu achava que realmente com aquele lockdown ali, daí 40 dias, as coisas iam retornar. Eu lembro que minha filha tinha acabado de nascer também, naquele período. Então eu fiquei extremamente tranquilo. Mas na hora que deu maio, junho, a gente já tinha uns três meses de pandemia, de lockdown. Aí eu falei: “poxa, agora...” Eu já tava pensando... Já havia algumas pessoas, a gente sempre observando também a cena, né? Que no caso da música, a gente já tava muito inserido. No meu caso, eu já tava muito inserido. Mas aí eu vi que realmente a coisa começava a mudar.

E no meu caso, eu já fazia lives. Todo show que eu fazia, eu já divulgava um pedaço do show. Eu já tinha esse negócio de sempre ali, com esse suportezinho, transmitir. Aí eu comecei a desacelerar a produção. A princípio dei uma parada mesmo. Comecei a fazer só umas lives de vez em quando. Ah, não sei... O Dia das Mães... Fazia uma live do Dia das Mães. E essa preocupação econômica, né? Começa a pegar, não tem como. Dá três meses, você fala: “pô, três meses sem trabalhar, como é que é? Como eu já tenho uma formação na área de educação, eu fui trabalhar nesse processo de música educação: musicalização, dar aulas online. Mais do que a coisa dos shows, no princípio.

E comecei a participar também de alguns editais, né? Abriram-se vários editais. Eu falei: “ah, poxa, agora a saída é os editais, porque eu não tenho como investir”. O grande problema passa a ser investir. Porque quando eu tava fazendo videoclipes, isso tudo demanda um investimento. Eu não tinha essa estrutura. Fui em busca dos

editais públicos, que eu já procurava bastante antes, mas, com a pandemia, comecei a procurar mais. Realmente me deu bastante ocupação! Porque dá trabalho, né?

E paralelamente a isso, a coisa das aulas. Comecei a dar aula online. Participei até de um edital do grupo de dança Quik, de Nova Lima. Eu dava aula de música para o público do Quik. Foi um exemplo de parceria também, entendeu? Inclusive, até hoje eu tô fazendo oficinas lá.

Frederico: Virtuais, ou agora já tá presencial?

Marcos: Agora já estamos no híbrido. Tem sempre 2,3 presentes, e uma meia dúzia que assiste online. Isso é mais recente. No início foi só online, né?

E eu também toquei presencialmente, porque aqui, como eu tava morando em Lagoa Santa, e em Lagoa Santa não teve esse lockdown que Belo Horizonte teve, os restaurantes que têm música ao vivo voltaram com a programação. Então eu fiz um calendário de junho até novembro para tocar nos restaurantes. Uma coisa que eu sempre fiz também. Então isso também foi uma coisa que me manteve ali, com algum contato. Tive uma agenda de tocar pelo menos uma vez por semana. E eu tava achando bom. Tava tendo um fluxo de trabalho além das aulas e além dos editais.

Então, eu me mantive bastante ocupado, embora tenha essa questão de uma redução drástica na renda. Porque a gente teve que abrir mão de um cachê maior. Então a gente fez muita coisa assim, muita coisa. E [teve] uma coisa de migrar para dar aulas online.

Agora, por incrível que pareça, na produção, eu senti um certo excesso de lives, né? E aí eu fui vendo que o público foi se desinteressando. A gente fazia. No início, eu lançava lá uma campanha com QR Code e tal, e sempre tinha um retorno muito legal. Eu lembro que nas primeiras, eu podia chegar com um celular com a tela quebrada e fazer a live e o resultado era fantástico. Mas, passados alguns meses, o povo começou a se desinteressar.

Aí eu tive que começar a investir, contratar uma equipe. E aí, em vez de ganhar, eu comecei a gastar. Mas aí, eu comecei a buscar uma coisa na publicidade. Buscar parceiros, assim, patrocinadores: uma pizzaria, uma pousada. A pessoa entrava com recursos, a gente contratava... Eu trabalhei muito com um pessoal da televisão. Uns amigos meus têm um programa de TV em Nova Lima, a TV Banqueta. E eles têm toda a estrutura para lives. Então eu cheguei a fazer umas três ou quatro lives com eles. Mas aí eu tinha sempre que ter apoio: o apoio de uma padaria, apoio de uma pousada, apoio de uma empresa de informática. Então a gente foi buscando essa coisa da parceria privada, né? Além dessa parceria pública dos editais.

A gente buscou muita parceria privada. E foi uma coisa que eu achei muito legal, porque já não estava dando para arrecadar com o público. Eu acho que as pessoas começaram a sentir o impacto também. Então eu me vi muito nessa coisa de ligar pro Supermer-

cados BH: “Oi, a gente tá fazendo uma live do Dia das Crianças, e tal; fazendo uma live do Samba”, sabe? Cada dia buscava um tema. Então eu olhava muito pro calendário: “Natal. Vou fazer uma live de Natal”. E com o apoio muito nessa relação com as empresas, né?

E foi legal. Uma coisa que nunca tinha feito antes e que foi uma coisa que eu achei legal. Inclusive até pra buscar parceiros, fugindo da bilheteria, sabe? Para buscar apoio institucional. E aí, uma coisa que eu não fazia antes da pandemia. Eu tinha um pouco meio de “Poxa, mas será?” E aí eu descobri que existe realmente uma indústria da publicidade que é bacana. Que a pandemia me fez descobrir. Até então, eu olhava isso com um certo assim: “Nossa, será?” Eu achava que só cabia para os grandes. Isso não cabia para a cena independente.



E aí, pelo contrário, eu vi isso muito no interior. Amigos meus, no interior, muito ligados nisso. Eu comecei a ver as pessoas fazendo isso. Como o restaurante do cara tava fechado, as pessoas iam lá para o restaurante dele, os músicos, e gravavam uma live lá. Dessa maneira, divulgava o restaurante do cara, e o cara patrocinava a live. Isso eu fiz muito. Muito a partir do segundo semestre de 2020. Muito mesmo e foi muito positivo.

Frederico: Muito Interessante. Você chamou atenção para alguns detalhes, algumas coisas que eu achei bem legais. Quer dizer, você falou três coisas diferentes que eu achei que são interessantes. Querria explorar um pouquinho mais.

Você teve que se desdobrar e fazer uma série de atividades, funções, vamos dizer, que você não fazia. Algumas pessoas imaginam assim: “Ah, você vai conseguir patrocínio! Quem que vai conseguir esse patrocínio para você?”. É você mesmo! (risos) É isso! É o seu trabalho que traz o patrocínio também, né? Você mostrar que tem um trabalho, que tá com articulação X. Eu achei interessante a sua fala.

Marcos: A gente tende a observar essa coisa da publicidade, como uma coisa que só cabe ao grande, que tá lá no mainstream. E isso é uma grande... A pandemia, eu acho que ensinou isso tanto para nós artistas, quanto para as empresas. Iguais a mim, tem várias outras pessoas que batalham um espacinho e que vivem em torno daquela comunidade, e que geram uma troca simbólica muito grande, né? Mais que a questão econômica, você tem uma troca simbólica, um nicho ali, que é mercado também. E eu nunca tinha pensado nisso. A gente pensa: “ah, o cara que toca ali no clube, que toca no bar, que toca no salão, toca no bairro. Cara, isso é um mercado imenso, que movimenta uma produção muito grande e que muitas vezes é subjugado pela indústria cultural. Não entra no currículo... “Ah, isso não conta”. Isso conta, porque é a experiência. Você tem uma vivência. É onde se organiza, onde as coisas acontecem de fato, né? É a coisa da produção na rua. Tem muita gente que produz...

Essa semana fui na feira, e aí tinha um amigo meu lá, o Sassá, que toca violino na feira Hippie e vende os CDs dele. O Sassá, ele tem três, quatro filhos. Ele cuidou dos filhos a vida inteira vendendo o CD dele na rua, tocando o violino dele. Isso quer dizer.. Seria aquele músico artesão, né? Ele tá tocando na feira de artesanato, e as pessoas vão lá e ele tem um público que compra o CD dele. Ele mesmo grava, na casa dele, e ele faz as cópias, ele prensa. Ele faz aquela cópia manual mesmo. E eu acho que a pandemia evidenciou as pessoas que têm esse tipo de produção. Porque, de uma certa maneira, essas pessoas não ficaram na mão. Porque já tava tudo na mão delas. Então elas continuam fazendo. São as pessoas que conseguem se adaptar à diferença [inaudível].

E hoje você tá vendo, você vê artistas do mainstream abrindo a casa deles, gravando um CD dentro de casa, fazendo um videoclipe dentro da casa deles. Então você vê um certo nivelamento. Você

tem um nivelamento de condições que é um aspecto diferente aí na produção cultural. E eu acho que isso é legal. Eu acho isso legal, embora haja um cenário de guerra, um cenário triste. Mas você vê que as pessoas... que existe um movimento interno muito grande das pessoas quererem continuar fazendo as coisas.

Frederico: Eu achei muito legal também uma outra coisa... Você falou dessas parcerias que surgiram: parcerias com outros grupos. Foi uma situação em que você foi procurando articular com outros grupos, com outras áreas, com outros músicos para ir costurando alguma coisa? Como é que surgiu esse caso? [da parceria com a Quik Cia de Dança]

Marcos: Isso já vinha de um histórico, né? Eu já tinha um trabalho na comunidade, na mesma comunidade que eles tinham. Aquela minha atuação na comunidade e da comunidade comigo, já me aproximou da companhia. Mas eu aproximei também de outros grupos, de outros lugares também... do Rio [de Janeiro]... Tem uma colega que é produtora do Sonora (festival de compositores), a Karina Sandré. E ela já é uma pessoa totalmente... uma produtora totalmente enfiada nessa coisa da produção online. Então ela me ajudou muito assim, da gente fazer parcerias: “Ah, vamos fazer uma live e tal. Prepara as coisas daí que eu preparo daqui”. Então, eu acho que este tipo de coisa também foi muito importante.

Teve apoiadores de outra cidade. Por exemplo, na live, eu tive apoiadores de Catas Altas. Tem um cara que tem uma pousada lá que foi uma parceria estabelecida, né? Quer dizer, mais do que esse coletivo mais emergente que é a minha comunidade aqui. De repente eu tô até em falta. Eu quero fazer uma coisa aqui na lagoa e eu não consigo fazer! Primeiro porque que tem essa coisa de não poder muito encontrar e tudo. Mas, por um outro lado, você tem encontros super inusitados. Eu tive encontros, por exemplo, com a Mariene lá de Salvador, a cantora Mariene de Castro. Ela me ver entrar na live dela e me convidar para participar da live dela, sabe? E aí, de repente, eu me via amigo daquela pessoa que tá lá em Salvador, que eu nunca encontrei, entendeu? (risos)

E aí eu entro na live da Tereza Cristina que é uma, poxa!, é uma grande cantora, intérprete brasileira. E aí, aquilo te traz uma aproximação com o público dela, e dela com o meu público. Eu tô falando assim, desse nivelamento e desse encontro com essas pessoas. E também, às vezes, um cara que tá começando agora, lá em Conselheiro Lafaiete, por exemplo, o Breno. Ele tem um programa, toda semana, ele tem um programa de entrevistas no canal do Instagram. E aí, de repente, hoje eu sou próximo dele. Ele arruma shows para mim lá e eu arrumo shows para ele aqui, essa parceria. Essa relação de parceria mesmo, isso aconteceu muito.

Tem um cara que tá com um programa de, um podcast mesmo, lá no Peru. Semana passada eu participei de um podcast em Lima. É um músico que toca de noite em Lima, como eu, e tem uma forma-

ção em comunicação. Ele criou uma rádio de música brasileira, de música latino-americana também, no Peru. E aí, a gente se descobriu pela internet. Aí, de repente tu tá lá, participando. Sua música tá indo para lugares que você nunca [pensou]. E de uma forma bem legal, né? Chegando com abertura.

Então, esse tipo de parceria foi bastante inusitado agora na pandemia. Essa eu tô lembrando, mas teve muitos casos assim. Um cara que tem... Ah, tem uma jornalista que tem um programa no Instagram toda semana, toda segunda-feira, que fala de culinária e música. E eu participei. Uma outra que trabalha com bordado no Rio... Essa coisa que é uma pessoa que tem ali, três, quatro, cinco mil seguidores. Não é aquela coisa que vai modificar estruturalmente, mas que dá uma força. Porque aquilo ali é o dia a dia, né? Todo dia você fala com uma pessoa, fala com outra, e você toca. E ali, meia dúzia de pessoas que não te conheciam passam a te conhecer. Uma coisa que vai pincelando, mais que vai criando um um público muito sólido. Que não é grande, mas que é sólido. Hoje, eu tenho uma comunidade em torno do meu trabalho que é sólida e eu acho que a pandemia solidificou isso.

E ela e ela desespacializada. Eu fico observando no site onde é que a minha música chega, eu não sei. Eu não sei exatamente, mas eu sei que tem um... Ela chega de um jeito diferente do tradicional da indústria, né? Ela chega de uma outra forma. Porque o nosso objetivo é que a música chegue mesmo. E eu vejo que ela chega de uma forma muito artesanal. Tem hora que eu falo assim: "Nossa! Que legal, né? Eu vou continuar fazendo isso aqui. Eu posso fazer as coisas dentro do meu tempo". E eu acho isso, por um lado, muito bom. Eu faço as coisas no meu tempo.

Eu não sei como vai ser quando as coisas retornarem. Eu só sei que não vão ser mais da forma que eram. Eu acho que isso é uma coisa que... Esse nivelamento que ocorreu, eu acho que ele trouxe uma nova perspectiva. Eu tô chamando de nivelamento. A gente conseguiu trocar mais. Certos nicho, conseguiram trocar com outros. Eu vejo muito isso. Talvez eu esteja olhando na frente (sic). Eu não sei. Talvez eu esteja muito otimista, tentando ver já uma pós-pandemia, todo mundo vacinadinho, as coisas funcionando, e a arte florindo, né?

Frederico: Eu achei legal que você falou de várias coisas. Foi entrando em Instagrams, foi conhecendo pessoas, foi fazendo entrevistas. Teve um cara do Peru, teve vários lugares. Quer dizer, isso foi, só para eu entender um pouco melhor, foi uma junção de coisas? Teve uma parte que você se movimentou e teve uma parte que essas pessoas se movimentaram? Como foi isso? Ou foi um misto de várias articulações?

Marcos: Isso mesmo. Eu acho engraçado que tudo isso é um pouco de continuidade do que eu já fazia antes da pandemia. Contatos que eram, talvez, estreitos, que foram estreitados antes da pande-

mia, e com a pandemia foram fortalecidos. Fortalecidos porque era o único meio que tinha. Porque você já tem que ter um vínculo. Pensa em nós. A gente já se conhece antes da pandemia, né? Mas a gente continua, com a pandemia, tendo trocas, interações. Eu acho que algumas interações, elas são mais fortalecidas ainda, assim. No caso dessas trocas com outros extratos, com outros nichos, que eu tô chamando de nivelamento, porque na verdade a gente sempre falava: “Poxa, mas isso não tá na minha rede natural”. E então, de repente, você tá conversando ali com uma pessoa que... E acho que não é porque acabou o mercado. Eu acho que criou-se um novo mercado, né? Criou-se novas possibilidades, as circunstâncias criaram.

E eu acho que a coisa continua acontecendo. Tudo continua acontecendo. Eu sinto muita falta do show presencial. Enfim, agora tá voltando aos pouquinhos. Por que [o show] é sempre uma acontecimento, né? Sempre o resultado ali de meses de trabalho, de um projeto e tudo o mais. E durante a pandemia essa energia toda foi colocada aí na rede. Essa energia, ela gerou mudanças significativas. E eu não sei, isso que eu tava dizendo, eu não sei exatamente como vão ser as coisas. Mas eu sei que houve uma mudança e que ela pode ser boa, dependendo de como a gente fizer, ela pode ser boa.

Mas as dificuldades foram muitas, né? É muita dificuldade. Eu passei muito aperto. Ainda tô passando muito aperto. As coisas são todas mais difíceis e há muito mais demandas. Hoje é muito mais difícil fazer as coisas. Você: “nó, fazer isso. Será que vai ficar legal? Será que não vai embolar a gente lá não? Será que vai contaminar um monte de gente?” Sabe? Eu fiz um show agora em agosto, mês passado, num restaurante de Belo Horizonte, o Maria das Tranças. Começamos a divulgar, mas divulgando, quase falando pra pessoa não ir! Falando: “não vai não! Não vai no meu show não!” Mas como é que eu divulgo um show falando que o cara tá certinho em não ir? Você já começa com as pernas amarradas, com freio, né? Para mim, tá sendo uma grande virada. Mas aí eu tô vendo... A gente fica sempre observando também o que os outros estão fazendo, como é que tá sendo feito. “A gente vai fazer um show no teatro, mas...” Esse “mas”, cara, você já jogou metade do serviço fora! Mas..., sabe? Quase que pedindo pelo amor de Deus! Pedindo licença para pessoa para poder fazer um negócio!

Então, eu acho que esse é o sintoma atual. Você fazer a coisa assim. Até na aula mesmo. Tem hora que eu falo assim... Eu dou aula de formação vocal para umas meninas, lá em Nova Lima. E aí, tem hora que eu quero ver o que elas estão fazendo, mas elas estão de máscara. Aí eu falo: “tira a máscara aí”? Não, não, fica de máscara! Fica de máscara, sabe? Mas eu não tô vendo! Ela tá fazendo tudo errado ali e eu não tô sabendo. Mas a pessoa que tá na casa dela, eu consigo ver. Mas a pessoa que tá presencial, ela tá lá. Eu acho que esse é o grande peso. A grande dificuldade de produzir qualquer coisa, são as circunstâncias. Como que eu vou fazer isso? Inclusive a gente tem que pensar em muito mais coisas, então é tudo muito tenso.

Frederico: É aquilo que você falou: a gente fica meio que uma espécie de “entre a cruz e a espada”, né? Você tem que fazer as coisas e, ao mesmo tempo, se preocupar com como elas podem ser feitas com as questões de biossegurança. E eu acho que tenho observado uma coisa, não sei se você... Pelo que você falou, acho que também é assim. Você já fazia muito, muitas coisas com uma produção muito direta sua. Assim, de estar à frente de uma série de coisas. Você só tá lidando com novas variáveis, mas você já fazia essa frente de trabalho, né?

Marcos: A pandemia aumentou! Alguma coisa eu podia delegar! Porque com a pandemia, dá muito mais trabalho delegar as coisas, assim... Tá dando muito mais trabalho. Porque eu não posso encontrar a pessoa, então aí é isso: marca uma reunião, tal... Ah não, já fiz, cara! (risos) Entendeu? Já fiz aqui, ué! Porque as pessoas estão... Todo mundo está muito cheio de coisas.

Quer dizer, tem hora que você fala: “não, eu mesmo vou fazer. Bora fazer!” Semana passada eu ia participar de um festival, um exemplo muito bom. O pessoal do Canta Mariana. E aí eu já tinha o vídeo gravado, mas eu precisava fazer uma edição nele para ficar dentro dos conformes do regulamento. Isso aqui é o tipo de coisa que eu poderia ter terceirizado. Mas tinha que ser naquele dia! Eu não tinha... A pessoa que poderia ter feito para mim, não podia. Porque ela tava... Ele perdeu o equipamento dele durante a pandemia. Olha só! Aí ele falou: “fazer com ferramentas quaisquer, você mesmo faz!” (risos) Vídeo de celular assim...

As pessoas estão com uma situação mais precária e todo mundo muito ocupado da própria sobrevivência, né? O mercado muda completamente. Aí, por exemplo, eu pagava um X para um cara fazer, por mês, para mim, toda minha produção gráfica. Tem muita demanda, cara! E aí eu pagava uma taxa pro cara, por mês, para o cara fazer tudo. Assim, sem chance! Sem chance! Mais uma conta que eu teria! Não dá. Essa produção, eu mesmo faço. Ou eu peço pra minha querida lá do Rio para fazer, dentro do tempo dela. Então, a gente vai ficando ali à mercê, não tem como!

Se por um lado eu acho que tá tudo... Que é possível que as coisas sejam melhores, que existe um nivelamento e tal... Por outro lado, a gente vive... E tá todo mundo nesse... A gente tá o tempo todo correndo! Aí chega no final do dia: 30% das coisas que eu disse que ia fazer!

A reabertura de shows agora, me afastou dos editais. Tem mais ou menos um mês a gente voltou a circular, fazendo interior. Aí eu falei: “tenho que me preparar”. E aí o edital fica de lado. Eu não tenho como delegar. Não tem como! Falar para uma pessoa: “me inscreve no edital”, e ela vai: “Marcos, manda isso. Marcos, manda aquilo. Escreve isso para mim.” Não, obrigado. Eu mesmo vou me inscrever nesse edital. Sim, infelizmente. Aí você: “Marcos, você não tem ninguém que faça isso? Falei: “gente, meu sonho!” Achar uma pessoa...

Frederico: Realmente, é isso mesmo, né? São muitas demandas diferentes. Mas acho que você falou de várias coisas. Foi importante você ter falado isso aí também, sabe? É isso: tem um monte de frentes possíveis de abertura, mas também tem esse monte de dificuldades que aparecem. Inclusive pela falta de circulação financeira. Como você falou: “pô, não posso mais pagar alguém para fazer um troço aqui, porque o recurso não existe mais”. Acho que essas questões também são importantes, né? Até importante a gente conseguir movimentar...

Porque eu também... Eu tô fazendo essa pesquisa a partir desse ponto mesmo: vai ter um monte de dificuldades e tal. A gente vai ficar tentando achar soluções para essas dificuldades e você me falou de coisas que aconteceram que são positivas. Mas tem uma batelada de [coisas] negativas junto com esse pacote. Não é simples. Tem esse monte de demandas que vão aparecendo e a gente não tem soluções simples para elas. A gente tem que se virar nesse monte de editais, por exemplo. Mas isso também não resolve, isso vira uma questão também, né? Esses formatos são os melhores? O que tem que fazer? Este é acessível mesmo?

Marcos: A Lei Aldir Blanc, na medida em que eu vi, ela provou que existe uma coisa que é para algumas pessoas entrarem. Quer dizer, é uma coisa que eu sempre... que eu converso com você há muito tempo. A gente sempre falou sobre isso, né? O “trem” é feito para algumas pessoas entrarem. Um tipo, um certo perfil. Então, outros perfis nunca vão ser contemplados. A gente tá falando de democracia cultural. Nunca vão ser né? “Ah o mestre, o artesão”... O cara nem fica sabendo disso! Por mais você vá lá no Centro de Cultura, tem um Centro...

Eu acho que tem melhorado. Agora tem sempre as lives dos editais, né? Quem tem interesse... Acaba criando um perfil profissional de quem trabalha com edital, “produtores de editais”. E essas pessoas mesmo, as que são a “fim” do Edital não é... Todos vêm com essa perspectiva do discurso pluricultural e não sei o quê, mas ele acaba criando... Ou uma cartilha. Ele cria uma cartilha, que eu acho que é pior ainda. Você tá dentro da cartilha, você entra. Você tá fora da cartilha, você sai ou não atinge [o previsto]. Quer dizer, é uma crítica.

Belo Horizonte tem uma política cultural legal. A gente tem que falar. Tem uma política cultural legal. Pode não ser a ideal, mas eu vejo um avanço muito grande de anos para cá. Você vê editais preocupados em contemplar... Por exemplo, eu participei de um edital no meio do ano passado que o negócio, na pandemia, eram os músicos. Hoje, esse ano, já foi pra dança, sabe? Ele não fica ali... Tem uma pessoa pensante ali, realmente olhando pra pluralidade. As pessoas estão discutindo isso.

Mas você vai para o interior, não é bem assim. Então eu acho que chega no interior, as coisas são muito mais... Porque tudo é mais

próximo. “Eu conheço uma pessoa que mora aqui, que mora ali. As pessoas tomam uma cerveja juntas. A coisa é mais complicada. A coisa é muito assim, porque também a massa não participa, né? A grande massa. Mas a discussão em Belo Horizonte, acho que ela já é um pouco mais... Já tem um acúmulo maior e também tem muito artista. Tem muitos grupos, tem muito mais representatividade em termos de produção.

Frederico: Eu acho legal e acho que tem isso mesmo. A gente não pode deixar... Você falou, tem essas outras articulações possíveis com a iniciativa privada mesmo, para financiar um show... Mas a gente tem que ter esse braço também, que é essa coisa do investimento público. Não tem jeito não! Ainda mais dependendo de quais áreas e tudo mais. Não tem jeito de abrir mão. É uma coisa que é necessária mesmo.

Marcos: Eu perdi pontos no [edital do] Fundo Municipal. “Ele tem bilheteria”. Mas quem tem bilheteria num contexto de pandemia? Quem consegue? Quem tem gordura também? Porque você pensa num show, você tem todo um investimento, cara! De publicidade... “Ah, você vai colar em empresas”. As empresas não estão segurando.

Frederico: Não.

Marcos: Eu consegui muito mais com as pequenas, com o cara aqui, ali, pequeno mesmo, do que com uma grande. As grandes nem escutam a gente! Seu projeto entra ali... Agora, o cara de uma cervejaria, que tá começando... Aí você vai lá, senta na mesa com ele. O cara que tem um resort pequeno, você consegue estabelecer... Um cara de uma empresa ali, que tem faturamento menor, você consegue. As grandes... Isso aí, meu filho, você já fica na mesa, no e-mail da Secretária! Não vai!

Agora, na Lei de Incentivo é diferente, né? O recurso direto...

Frederico: Tô só dando uma olhadinha... Desculpe, desviei o olho tô dando uma olhadina... Porque a gente vai conversando muitos assuntos e você trouxe um monte de coisas super relevantes, assim...

Marcos: Nem sei se tá dentro aí! Mas o edital é uma das...

Frederico: É um dos caminhos de financiamento.

Marcos: Nesse período de pandemia foi o meu principal caminho de sobrevivência, os editais.

Frederico: Foi até bom, porque agora você enfatizou mesmo esse ponto. Você ainda não tinha enfatizado completamente ele.

Marcos: Mas foi. Foi a principal atividade. Preparar para os editais foi a principal atividade. “O que você fez?” Muito: escanear, mandar... (risos)

Frederico: (risos) Tem um lado irônico!

Marcos: É, ué! (risos) Olha a minha mesa, tá aqui ó! Papel bicho! Para com isso gente! Só uma assinatura eletrônica lá, ou cola o negócio dele... Eu tive problemas na Belotur por causa disso. Eu mandei o negócio assim (Marcos mostra uma folha de papel). Aí fui lá e fotocopiei. Só que tinha que ter assinatura de várias pessoas. Aí, um fotocopiou, outro fotocopiou, outro fotocopiou, outro fotocopiou, outro fotocopiou, assim. A última foi a única que ficou com a tinta azul!! Só consideraram uma assinatura! Parece piada!

Frederico: Parece piada.

Marcos: Tem coisas que não tem sentido gente!! Tem que reclamar mesmo. Quando você vê uma coisa que é legal, mais simples, você fica assim: “que bacana escrever nesse negócio aqui!” Tem um espaço para você escrever algo mais, se você quiser. Eu achei muito legal esse negócio do recurso. Ontem eu falei: “que facilidade”. Já pesquisa seus dados todos. Belo Horizonte tá na frente [o site e a interface da LMIC de Belo Horizonte]. Pesquisa todos os seus dados, cara!

Frederico: Exato.

Marcos: Aí, quer dizer, eu não tenho que ficar indo lá no Mapa Cultural buscar o número, o assunto... Não, eu já pus e ele já localizou ali! Eu fiz em 15 minutos. E eu acho que muito muito desses editais não estão nem preocupados com as dificuldades. Eu agora estou mandando recurso para todos, assim... Eu falo assim: “Ô gente, espera aí. Vocês estão pedindo isso aqui, mas espera aí...” E tá muito, tudo muito difícil.

Frederico: Bom, e aí só para terminar, quer dizer, agradecer antes de mais nada, né? A participação do Marcos Catarina aqui. Mas eu gostaria só de completar. Na verdade, estou gravando esse áudio já um tempo depois que a gente teve essa conversa. Eu não havia perguntado para ele sobre a sua trajetória musical. Apesar de que eu já conheço: o Marcos é um amigo. Mas acho que é legal ficar aqui registrado para quem conhece o Marcos, conhece o trabalho dele, mas não conhece esse percurso dele na música. Então vou pedir para ele falar pra gente aqui um pouquinho dessa história, dessa trajetória dele. Por favor Marcos.

Marcos: Olá Fred, tudo bem? Pois é... Falar um pouco da minha trajetória musical. Eu sou de uma família que é musical. Meu pai

tocava moda de viola, tocava música caipira. Minha mãe gostava de cantar as ladainhas... Um pouco dessa influência das minerariedades, coisa da Marujada, da Congada. Meus pais estavam envolvidos com esse tipo de cultura e [isso] chegou lá em casa, quando eles vieram para BH. Eles vieram do interior. Então a gente tinha muita influência das festas que aconteciam em casa e as pessoas se reuniam, sempre com música, né? Na época, rádio, essas coisas tecnológicas ainda não eram tão comuns, né? TV, menos ainda. Então a gente tinha muitos encontros que eram regados à música. Nessa história, todo mundo, os irmãos mais velhos, todo mundo começou a cantar e, mais para frente, isso vira profissão.

Então a gente já gravou alguns CDs. Já tô no meu terceiro CD. A gente tem um trabalho autoral. Um trabalho totalmente autoral e também fazemos um tributo ao meu irmão Vanderli, um compositor muito conhecido no Brasil e que partiu recentemente, em 2016. Então a gente segue nos projetos. Tenho um bloco de carnaval, e a ideia é gravar um disco agora, esse ano, em 2022, com músicas do bloco de carnaval. E também seguimos com projetos paralelos, com parcerias musicais com grupos de outros estados do Brasil.

Caminhando nesse retorno agora - ainda estamos em pandemia - mas, com as vacinações, né? Os eventos presenciais retomando... A gente tá com os projetos de circulação. Projeto de shows pelo interior de Minas e também por outros estados brasileiros. Então isso é a previsão: que a gente retorne assim, com força, em 2023. Porque esse ano foi um ano ainda de readaptação.

Frederico: Maravilha! Obrigado Marcos. Nossa ótimo! É isso. Só tenho a agradecer a sua disponibilidade, seu tempo, a sua doação. Toda essa conversa que trouxe, com certeza, muita coisa boa para quem vai nos ouvir. Dicas ótimas e também uma reflexão que acho que você fez muito bem, sobre os vários pontos que são complexos em relação ao mercado da música. É isso. Obrigado demais! Até uma próxima. A gente se encontra por aí! Abraço.

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net. Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA